

ENTRE JEAN-JACQUES ROUSSEAU E HARRIET MARTINEAU: DAS CRÍTICAS AOS RELATOS DE VIAGENS AO VISLUMBRE METODOLÓGICO

Breno Bertoldo Dalla Zen¹

Resumo

Neste artigo, buscamos sublinhar a investida crítica de Rousseau aos relatos de viagens que surgem a partir das grandes navegações, e que descreviam os costumes dos mais distantes povos. Tais críticas se desenvolvem de maneira tímida até o Século XVIII, até culminarem no método que é proposto pela socióloga Harriet Martineau, no início do XIX. Partindo desta problematização, buscamos responder às questões: o que é preciso para observar e descrever as maneiras do outro? Como desempenhar esta função quando estamos a tratar de costumes muito distintos, relativos a povos distantes? Para tal, entraremos em diálogo com as críticas e questionamentos dos relatos de viagens proferidos por Rousseau, sugerindo certas possibilidades de pesquisa. No entanto, é Martineau que propõe o mais completo projeto, ainda que experimental, para a observação e a descrição das morais e dos costumes. Entendemos que a partir de sua perspectiva, esta prática pôde se desenvolver de maneira mais completa, o que contribuiu também para o desenvolvimento metodológico das ciências sociais.

Palavras-chave: Harriet Martineau. Rousseau. Costumes. Relatos de viagens.

Between Jean-Jacques Rousseau and Harriet Martineau: from the critique of travel reports to methodological insight

Abstract

In this article, we aim to highlight Rousseau's critical response to the travel reports that emerged from the great navigations, which described the manners of the most distant populations. Such criticism develops in a timid way up to the 18th century, until it culminates in the method proposed by the sociologist Harriet Martineau in the beginning of the 19th century. Starting from this problematization, we aim to answer the questions: what does it take to observe and describe the manners of the other? How to perform this role when we are dealing with very different manners, related to distant populations? To this purpose, we will enter into dialogue with the criticisms and questionings of the travel accounts proffered by

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, pelo qual foi bolsista Prosuc/CAPES. Possui especialização em Antropologia e em Ciências Sociais pela Faculdade Unyleya e é graduado em Filosofia pela UCS.

Rousseau, suggesting certain research possibilities. However, it is Martineau who proposes the most complete experimental project for the observation and description of morals and manners. We understand that from his perspective, this practice was able to develop more comprehensively, which also contributed to the methodological development of the social sciences.

Keywords: Harriet Martineau. Rousseau. Manners. Travel reports.

Entre Jean-Jacques Rousseau y Harriet Martineau: de la crítica de los relatos de viajes a la percepción metodológica

Resumen

En este artículo pretendemos subrayar el ataque crítico de Rousseau a los relatos de viajes surgidos de las grandes navegaciones, que describían las costumbres de los pueblos más lejanos. Dicha crítica se desarrolló de forma tímida hasta el siglo XVIII, hasta culminar en el método propuesto por la socióloga Harriet Martineau a principios del siglo XIX. A partir de esta problematización, tratamos de responder a las preguntas: ¿qué hace falta para observar y describir los costumbres del otro? ¿Cómo realizar esta función cuando se trata de costumbres muy distintas, relativas a pueblos lejanos? Para ello, entraremos en diálogo con las críticas y cuestionamientos de los relatos de viajes ofrecidos por Rousseau, sugiriendo ciertas posibilidades de investigación. Sin embargo, es Martineau quien propone el proyecto más completo, aunque sea experimental, de observación y descripción de la moral y las costumbres. Entendemos que, desde su perspectiva, esta práctica podría desarrollarse de forma más completa, lo que también contribuiría al desarrollo metodológico de las ciencias sociales.

Palabras clave: Harriet Martineau. Rousseau. Costumbres. Relatos de viaje.

Introdução

O objetivo do presente artigo é realizar uma reflexão sobre a evolução do pensamento crítico acerca dos relatos de viagens e da observação dos costumes, a partir de um recorte bibliográfico protagonizado pelo genebrino Jean-Jacques Rousseau e pela socióloga inglesa Harriet Martineau. Rousseau possui um papel bastante importante no que se refere à crítica dos relatos de viagens e no anseio pelo aprimoramento da prática da observação e descrição dos costumes de povos distantes; apesar de não possuir uma obra específica sobre o assunto, desenvolveu importantes reflexões sobre o tema em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de 1755, e no *Emílio ou Da educação*, de 1762, obras que muito influenciou o desenvolvimento das ciências humanas, e sobretudo os estudos sobre a observação dos costumes nos séculos seguintes.

Martineau, por sua vez, na obra *Como observar: morais e costumes*, de 1838, protagonizou uma empreitada de observação e descrição dos costumes como nenhum havia realizado antes. A obra, menos difundida no meio acadêmico do que mereceria, se desempenha como uma espécie de manual, que pretende responder justamente às provocações de Rousseau, e que objetivamos neste texto: o que é preciso para observar e descrever as maneiras do outro? Como desempenhar esta função quando estamos a tratar de costumes muito distintos, relativos a povos distantes? Responder a estas perguntas é, também, encontrar maneiras de considerar diferentes costumes sem dar margem a possíveis preconceitos e parcialidades – noções sempre muito desafiadoras, quando se trata da pesquisa na área das ciências sociais.

Os relatos de viagens que aqui nos referimos surgem a partir das grandes navegações do Século XVI, e por se tratarem de histórias contadas por homens popularmente reconhecidos como aventureiros, e que milagrosamente voltaram sãos e salvos para as terras europeias após viagens muito difíceis, rapidamente esta literatura se tornou bastante difundida entre o povo europeu, que se interessava muito em conhecer os detalhes “pitorescos” das aventuras europeias no Novo Mundo, desde os frutos e animais

desconhecidos, até os costumes daqueles que tomavam por “selvagens” ou “bárbaros”, povos vistos com estranheza e receio. “Civilizado”, nesta época, era um estágio atribuído unicamente ao povo europeu².

Os relatos compilavam informações sobre povos que viviam isolados em continentes distantes da civilização europeia, e não raramente tratam o povo observado de forma inferiorizada e muitas vezes, jocosa. Pela notável popularidade desses escritos, não demorou até que alguns pensadores fizessem críticas aos mesmos, propondo soluções para que a prática de observação e descrição dos costumes pudesse realmente contribuir para a formação de conhecimentos seguros sobre costumes tão distintos, e tão distantes. Rousseau é um inegável protagonista na difusão desta perspectiva crítica³.

Trata-se de um problema que nos dias de hoje está, ao menos a nível acadêmico, mais esclarecido, principalmente no que concerne a prática de pesquisa das ciências sociais; no entanto, foi preciso de muito empenho para que o esclarecimento eurocêntrico (e etnocêntrico) pudesse começar a ser questionado, e assim, práticas descritivas dos costumes pudessem se organizar a nível metodológico, evitando exercícios de inferiorização, preconceitos culturais e devaneios sobre costumes supostamente pitorescos.

Diante desta problematização, nosso texto pretende realizar reflexões sobre a prática de observação e descrição dos costumes, partindo das contundentes críticas do genebrino Jean-Jacques Rousseau, para então nos determos na análise de Harriet Martineau, que traz uma resolução mais cuidadosa para o problema, tendo dedicado uma obra inteira justamente à questão metodológica. Consideramos a contribuição de ambos os autores crucial para o desenvolvimento dos métodos que abarcam as ciências sociais, e prestamos este texto a traçar breves relações textuais entre os dois.

2 Este viés, que considera a história de forma linear e o desenvolvimento dos costumes por estágios civilizatórios, era bastante comum no pensamento dezoitista e só viria a ser problematizado com mais afinco ao final do Século XIX, ao mesmo passo em que as ciências sociais ganhavam autonomia.

3 A importância do autor para o desenvolvimento das ciências sociais, justamente a partir de suas críticas acerca dos relatos de viagens, é sublinhada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss no artigo *Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem*.

As críticas aos relatos de viagens

Antes do advento da antropologia, da sociologia e da arqueologia como ciências autônomas, a observação e a descrição de costumes de povos distantes ou isolados era algo bastante difundido, sendo, inclusive, uma literatura bastante popular nos terrenos europeus desde a Renascença. Na primeira metade do Século XIX, as ciências sociais estavam dando os primeiros passos para sua formação enquanto ciências autônomas. Sobretudo, ainda não haviam metodologias definidas que pudessem ditar formas de descrever os povos, as nações, seus costumes, suas formas de ser, seus aparatos políticos, o desenvolvimento e a expressão de suas morais. Essas noções metodológicas serão melhores desenvolvidas apenas no final do mesmo século, com a publicação de *As regras do método sociológico* de Émile Durkheim, em 1895, e no início do Século XX, com *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski, publicação de 1922. Certamente há outras obras importantes para as questões de método, mas essas duas merecem ser citadas, pois se objetivam justamente o esclarecimento de possíveis regras de observação, tanto na perspectiva sociológica quanto antropológica.

Entretanto, em 1838, foi Harriet Martineau (2021, p. 25) que escreveu, de maneira clara e direta: “os poderes da observação podem ser treinados”. Rousseau havia preconizado algo semelhante em seu *Emílio* (2015, p. 672): “tudo o que se faz com razão deve ter suas regras. Consideradas como parte da educação, as viagens devem ter as suas”. Não podemos ter certeza de que Martineau bebeu diretamente das provocações rousseauianas⁴, mas é possível afirmar que o conjunto de afirmações de ambos os autores reserva inquestionável importância. Vejamos a explanação detalhada traçada por Martineau:

“O observador de homens e costumes permanece tão necessitado de preparação intelectual quanto qualquer outro estudante. Isto não

4 Na obra *Como observar* a autora faz uma breve citação do *Contrato social* de Rousseau, mas não se refere diretamente aos comentários do autor acerca dos relatos de viagem, presentes no *Discurso sobre a desigualdade* e no *Emílio*. Assim, não podemos afirmar diretamente a influência do mesmo sobre a autora, apenas presumir.

é, de fato, geralmente suposto, e uma multidão de viajantes age como se não fosse verdade. Do amplo número de turistas que anualmente navega de nossos portos, não existe provavelmente um que sonharia pretender fazer observações de qualquer assunto de pesquisa física, dos quais ele não entende nem mesmo os princípios. Se, sobre seu retorno do Mediterrâneo, o despreparado viajante fosse questionado sobre a geologia da Córsega, ou as construções públicas do Palermo, ele replicaria: “Oh, eu não posso contar-lhe nada sobre isso – eu nunca estudei geologia; eu não sei nada sobre arquitetura”. Mas poucos, ou nenhum, fazem a mesma confissão sobre a moral e os costumes da nação. Todo homem parece imaginar que ele pode entender os homens num relance; ele supõe que é suficiente estar entre eles para conhecer o que eles estão fazendo; ele pensa que olhos, ouvidos e memórias são suficientes para as morais, embora eles não se qualificariam para observação botânica ou estatística; ele se pronuncia com confiança sobre os méritos e a condição social das nações entre as quais ele viajou; nenhum receio sempre o leva a dizer, “Eu posso dar a você poucas informações gerais sobre as pessoas que eu tenho visto; eu não estudei os princípios morais; eu não sou juiz de costumes nacionais.” (MARTINEAU, 2021, p. 25)

Nesta célebre passagem, a autora chama atenção para uma questão que talvez estivesse latente até então: para que um viajante possa observar e descrever costumes, ele precisa, minimamente, se preparar para tal, como se prepara para o exercício de qualquer gênero das ciências e das artes. Martineau nos esclarece: observar é uma atividade técnica, que necessita de aprimoramentos; o observador precisa cuidar da “gradual expansão de seu conhecimento”, da “expansão de suas percepções”, da “maturidade de seus julgamentos” (MARTINEAU, 2021, p. 238). Rousseau, de seu lugar, chama atenção para os incontáveis preconceitos carregados pelos observadores:

“Para se instruir, não basta percorrer os países; é preciso saber viajar. Para observar, é preciso ter olhos e voltá-los para o objeto que se quer conhecer. [...] De todos os povos do mundo, o francês é o que mais viaja; mas, orgulhoso de seus costumes, confunde tudo o que se afasta deles.” (ROUSSEAU, 2015, p. 667)

No entanto, compreender os costumes alheios não é, de modo algum, uma tarefa simples; o que há por trás dos hábitos, morais e modos de vida de uma sociedade compreende uma série de objetos e funcionalidades que podem ser no mínimo confusos para aquele que os observa; o significado que reside por trás dos costumes estão emaranhados na vida ordinária dos sujeitos observados, ou seja, estão nas ações mais simples de cada indivíduo. Compreendê-los exige um regramento bastante específico, o que se trata de uma questão bastante complexa; não o fosse, teria sido mais fácil resolver os meandros metodológicos dos estudos em sociologia e antropologia que, até os presentes dias, ainda carregam certos desacordos.

A descrição de costumes é bastante antiga, e geralmente praticada por observadores comuns, que se prestaram a escrever sobre os mesmos sem realizar uma pesquisa adequada. Para uma breve exemplificação, podemos voltar rapidamente às raízes das descrições de costumes: ainda no Século I, temos a *História Natural* de Plínio, o velho, que se permite não só descrever costumes de nações pouco conhecidas, bem como criar *fantasias* a respeito delas:

“[...] há costumes que, em minha opinião, não devem ser omitidos; e mais particularmente, em relação aos povos que habitam a uma distância considerável do mar; entre os quais, não tenho nenhuma dúvida, alguns feitos parecerão de natureza assombrosa e, de fato, incríveis para muitos. Quem, por exemplo, poderia acreditar na existência dos Etíopes, caso jamais os tenham visto? E de fato, o que não parecerá maravilhoso quando conhecermos algo pela primeira vez? [...] mas de inestimável importância, quando o consideramos devidamente, é a existência de tantos modos de falar, de tanta variedade de expressões; que para outra pessoa, um homem que seja de um país diferente é quase como se não fosse mesmo um homem.” (PLÍNIO O VELHO, 2019, p. 10)

Como é possível averiguar a partir desta passagem, a curiosidade pela diversidade possível entre os costumes humanos parece ter acompanhado a prática descritiva dos mesmos, assim como o *exercício de inferiorização* que geralmente é praticado quando se

refere a costumes dados como “pitorescos” ou mesmo à aparência de um povo.

Citaremos brevemente alguns relatos modernos, para ilustrar certos posicionamentos que chamaram a atenção, tanto de Rousseau quanto de Martineau: temos, por exemplo, o aventureiro inglês Peter Carder, que em 1577 relatou suas aventuras vividas perto dos “cruéis selvagens” (CARDER in HUE; SÁ, 2020, p. 186) das terras brasileiras, ou mesmo o viajante William Davies, que constatou, a partir de uma viagem ao Brasil realizada em 1608, a respeito dos nativos, que “essa gente é muito engenhosa e habilidosa, e muito traiçoeira” (DAVIES in HUE; SÁ, 2020, p. 191). De modo geral, os povos do Novo Mundo são descritos de modo pejorativo, o que levou até o Conde de Buffon⁵, já no Século XVIII, a constatar, em sua *História natural*, que os povos ditos selvagens seriam “povos que se assemelham pela feiura, [...] sendo grosseiros, supersticiosos e estúpidos” (BUFFON, 2020, p. 310). Ora, estes relatos também podem ser concebidos como verdadeiros agentes intelectuais da difusão do preconceito cultural, isto é, de concepções xenofóbicas no solo europeu.

Como é possível constatar a partir dos pequenos trechos que aqui trouxemos, os relatos de viagens da modernidade mantiveram alguns devaneios semelhantes aos relatos da antiguidade, principalmente no que se refere a prática de inferiorização do outro. Cerca de 1500 anos após o texto de Plínio, as grandes navegações levaram viajantes europeus até terras desconhecidas, onde viviam povos também desconhecidos; e por mais que esta pudesse se configurar em uma oportunidade para que tais viajantes pudessem contar ao velho mundo quão diverso poderia ser o ser humano e seus costumes, e quão maravilhosa é esta diversidade, estes preferiram julgá-la, inferiorizando o povo observado, considerando-os seres atrasados no tempo, de falsas crenças, de gostos peculiares, que não podiam entender os “verdadeiros prazeres da vida”, assim presumidos pelos povos ocidentais.

5 Diferentemente dos ingleses Carder e Davies, o francês Buffon não era um viajante; no entanto, era ávido leitor desses relatos de viagens (como grande parte dos intelectuais de sua época), e os utilizou para tirar importantes conclusões de sua *História natural*.

Esta visão parcial e pejorativa percorreu os séculos, e passou pelos olhos de muitos europeus. No Século XVIII, os relatos de viagens ainda eram textos muito populares: na França, regularmente esses textos eram publicados no periódico *L'Histoire générale des voyages*, publicação que chegou até as mãos de diversos pensadores da época, entre eles, Jean-Jacques Rousseau, este, que desenvolveu talvez as mais contundentes provocações de sua época e contexto.

Contudo, Rousseau também desenvolve uma perspectiva crítica à sociedade europeia em sua obra. Para o autor, o homem moderno estaria repleto de vícios irrecuperáveis, entre eles, a vaidade. E é por meio dela que chegamos aos relatos de viagens: os autores de tais escritos seriam incapazes de considerar a diversidade diante deles sem inferiorizar aquele que observam; trata-se de um efeito do *amor-próprio*, sentimento que torna impossível que os homens se encarem em tom de igualdade. Entre indivíduos de nações distintas, este abismo tende a ser ainda maior. Desse modo, os viajantes não despendiam qualquer esforço para compreender a distinção por trás dos costumes que haviam observado; viam aqueles homens com certo desprezo, uma vez que se tratavam de *não-europeus*.

De acordo com Rousseau, a visão limitada dos viajantes europeus prejudicava substancialmente os relatos de viagens, que de forma alguma poderiam ser considerados como fontes seguras para se ler a respeito dos povos que ali eram descritos.

“Não se abre um livro de viagens que não contenha descrições de características e costumes. Porém, é de admirar que essas pessoas que tantas coisas descreveram apenas disseram o que todos já sabiam e não souberam perceber, na outra extremidade do mundo, mais do que poderiam notar sem sair de sua rua. [...] Daí o belo adágio moral, tão repetido pela turba filosofesca: o homem é o mesmo em toda parte; e, como em toda parte tem as mesmas paixões e os mesmos vícios, inútil tentar caracterizar os diferentes povos. É como dizer que não se podem distinguir Pedro e João porque ambos têm um nariz, uma boca e dois olhos.” (ROUSSEAU, 2020, p. 270)

Rousseau também critica o fato de que tais relatos, muito lidos em sua época, eram geralmente escritos por homens que carregavam a observação dos costumes como tarefa *secundária*, parcialmente desinteressada: “os particulares podem ir e vir, mas parece que a filosofia não viaja [...]. Pois há apenas quatro tipos de homens que fazem longas viagens: os marinheiros, os mercadores, os soldados e os missionários” (ROUSSEAU, 2020, p. 269). Sendo assim, era bastante comum que nativos fossem descritos como homens inferiores e imbecilizados. “Há uma grande diferença entre viajar para ver países e para ver povos. O primeiro objeto é sempre o dos curiosos; o outro é para eles apenas acessório. Deve ser exatamente o contrário para quem quer filosofar” (ROUSSEAU, 2015, p. 671). Rousseau sugere que se os filósofos se dedicassem a tal empreitada, esta produção textual teria condições completamente distintas:

“Suponhamos um Montesquieu, um Buffon, um Diderot, um Condillac, ou homens dessa têmpera, realizando, com o intuito de instruir seus compatriotas, a mais importante de todas as viagens, a que deve ser feita com mais cuidado, observando e descrevendo, como ninguém, [...] todas as regiões selvagens. Suponhamos que esses novos Hércules, ao regressarem dessas excursões memoráveis, escrevessem em seguida, com gosto, a história natural, moral e política do que tivessem visto: então, veríamos surgir de sua pena um mundo novo, e aprenderíamos a conhecer o nosso. Digo que, quando semelhantes observadores afirmassem que tal animal é um homem e outro é uma fera, seria preciso acreditar no que dissessem; mas é muito ingênuo proceder do mesmo modo com viajantes grosseiros, sobre os quais às vezes se é tentado a fazer a mesma pergunta que eles se metem a responder sobre outros animais.” (ROUSSEAU, 2020, p. 271)

Rousseau, por sua vez, não procedeu a viagem alguma, apenas instigou⁶. Mas a janela aberta pelo autor nos conecta diretamente ao ponto que pretendemos chegar nesta breve investigação: o que confere capacidade a um viajante na prática descritiva dos costumes? O que o tornaria capaz de manter-se livre dos

6 O autor sofria de problemas urinários, de difícil tratamento em sua época, o que lhe impedia de viajar: “nasci quase moribundo. Pouca esperança tinham de me salvar. Trazia o germe de um incômodo que os anos aumentaram e que agora só me dá tréguas para me fazer sofrer cruelmente de outra maneira” (ROUSSEAU, 2008, p. 31). Em nota desta passagem, a tradutora observa que “era uma retenção de urina quase contínua, produzida por um defeito de conformação da bexiga” (QUEIROZ apud ROUSSEAU, 2008, p. 31).

preconceitos que poderiam invadir sua escrita, e de pensamentos que inferiorizariam o outro, simplesmente por não partilhar de uma mesma realidade e esclarecimento? Seria possível promulgar uma espécie de *policiamento* da prática de observação e descrição dos costumes, e criar regras que pudessem isentar tais descrições de nossos preconceitos?

É refletindo sobre essas problematizações que voltaremos à importante afirmação de Martineau: “os poderes de observação podem ser treinados” (MARTINEAU, 2021, p. 25); a ideia nos remete precisamente a Rousseau, que além de trazer provocações referentes a observação e descrição dos costumes, também havia afirmado a importância da criação de regras que pudessem ser seguidas por viajantes em seus relatos (ROUSSEAU, 2015, p. 672). A autora, por sua vez, não só dedicou sua vida a viajar, observar e descrever costumes, como também se dedicou a explanar sua metodologia, deixando sugestões muito preciosas para viajantes futuros, também para a prática das ciências sociais.

Por um aprimoramento da observação dos costumes

A inglesa Harriet Martineau, esta, reconhecida por muitos estudiosos das ciências sociais como uma importante autora para o advento da sociologia, lançou em 1837 a obra *Sociedade na América*, análise e relato de suas observações sobre os costumes e a condição social nos Estados Unidos naquele ainda breve Século XIX. A autora era bastante lida na época⁷, embora comumente não apareça entre os autores canônicos da sociologia, fato que se deve provavelmente ao caráter androcêntrico da cultura ocidental, que acompanha não só nossa vida ordinária, mas certamente faz parte de nossa história intelectual – e de tudo que foi omitido ou desconsiderado dela. Esta lamentável característica, reducionista e limitadora, deixou de fora do cânone das ciências sociais as ideias de muitas autoras de suma importância para os avanços teóricos e metodológicos desta área do conhecimento.

⁷ Para mais informações sobre a popularidade e a presença da autora na imprensa e na leitura crítica de sua época, cf. o artigo *Harriet Martineau: circulação e influência no debate público na primeira metade do Século XIX*, de Luna Ribeiro Campos e Verônica Toste Daflon.

Se faz muito importante, portanto, que façamos os mais oportunos resgates da vida e obra de autoras como Martineau, e assim possamos minimamente contribuir para a introdução de sua produção textual em grupos de discussão dos círculos acadêmicos, que historicamente se mantiveram reféns de um viés patriarcal e excludente, certamente prejudicial para a fruição do conhecimento e de suas possibilidades.

Logo na introdução de seu estudo, a autora explicita muito claramente sua preocupação com a fruição metodológica da obra. Vejamos:

“Em busca por métodos pelos quais pudesse comunicar o que tenho observado em minhas viagens, sem oferecer qualquer pretensão de ensinar os ingleses ou julgar os americanos, dois expedientes me ocorreram; ambos os quais adotei. Um é comparar o estado da sociedade existente na América com os princípios sobre os quais professadamente está fundada; testando assim Instituições, Morais e Maneiras por um padrão incontestável, ao invés de um arbitrário, e assegurando-me o mesmo ponto de vista com meus leitores de ambas as nações.” (MARTINEAU, 2022, p. 22)

Desde o princípio, a autora carrega consigo a necessidade de sistematização das formas de observar⁸; para a época de seus escritos, parece-nos bastante inédita uma preocupação tão específica: as ciências sociais só foram consolidar metodologias mais precisas de descrição dos costumes em pleno Século XX, quando a sociologia e a antropologia já podiam gozar de certa autonomia nos centros acadêmicos.

A autora é também pioneira por ter posto em questão os esclarecimentos etnocêntricos que eram mantidos pelos intelectuais ocidentais, provocação que, antes dela, havia sido

8 Este texto abre, inclusive, com uma citação que consideramos bastante oportuna: “para capturar um caráter, mesmo que de um homem, em sua vida e mecanismo secreto, requer-se um filósofo; para delinear-lo com verdade e impressividade, é trabalho para um poeta. Como, então, deve um ou dois lustrosos tutores clericais, com um tanto quanto o escudeiro abatido pelo tédio, ou o especulativo capitão mal pago, dar-nos visões sobre tal assunto?” (HORN in MARTINEAU, 2022, p. 21). Este texto fora retirado de uma publicação do *Edinburgh Review* de 1827 (de autoria de Franz Horn, pelo que nos foi possível apurar – no texto de Martineau ela não cita o autor, apenas referencia o periódico). Estas afirmações nos remetem diretamente a Rousseau e sua implicância com os desinteressados autores dos relatos de viagens, pouco qualificados para tal função.

assumida por poucos, como Montaigne, Montesquieu e Rousseau⁹. No entanto, mais que tecer meras provocações, Martineau viajou até o continente americano e realizou observações sistemáticas, revelando que existiam incongruências entre o que falavam sobre a democracia americana, e o que de fato o povo estava a ver. Vejamos o comentário de Hill:

"Her methodological strategy confronted the problem of ethnocentrism. Rather than compare the United States with England, she identified the moral principles to which Americans claimed allegiance, and compared them with observable social patterns – a methodologically insightful distinction between rhetoric and reality. [...] Her systematic observations of society are directly relevant to historical and comparative sociologists who would unravel the complexities of Victorian England and nineteenth-century life generally. Martineau documented a wide chasm between extant institutional patterns and the values of democracy, justice, equality, and freedom that Americans claimed to cherish¹⁰." (HILL, 1991, p. 292)

Autores que tiveram a pretensão de organizar esta prática antes de Martineau, como o próprio Rousseau, apenas exerceram críticas pontuais; a autora, por sua vez, sistematizou aquilo que tinha a observar (e como deveria o fazer). As consolidações de seus intuitos metodológicos estão na obra publicada em 1838, *Como observar: morais e costumes*, provavelmente o mais completo guia de observação e descrição publicado em sua época¹¹, preocupado justamente com o rigor do viajante que carregasse consigo pretensões para esta prática de observação e descrição.

9 E mais tarde pelo contemporâneo de Martineau, Alexis de Tocqueville.

10 "Sua estratégia metodológica enfrentou o problema do etnocentrismo. Em vez de comparar os Estados Unidos com a Inglaterra, ela identificou os princípios morais aos quais os americanos alegavam fidelidade e os comparou com padrões sociais observáveis – uma distinção metodologicamente criteriosa entre retórica e realidade. [...] Suas observações sistemáticas da sociedade são diretamente relevantes para os sociólogos históricos e comparativos que desvendariam as complexidades da Inglaterra vitoriana e da vida do século XIX em geral. Martineau documentou um grande abismo entre os padrões institucionais existentes e os valores de democracia, justiça, igualdade e liberdade que os americanos alegavam estimar" (tradução nossa).

11 É importante esclarecer: de acordo com Alcântara, tal empreitada não foi realizada de maneira isolada: "seu texto fazia parte de uma coleção sobre *Como observar*, escrita para viajantes acadêmicos ou leigos, sobre diversos conteúdos e Martineau foi a responsável pelo segundo volume da série: '*morals and manners*'" (ALCÂNTARA, 2022, p. 179).

“Enquanto viajantes generalizam sobre morais e maneiras tão precipitadamente quanto eles fazem, provavelmente será impossível estabelecer uma convicção geral de que nenhuma nação civilizada é melhor ou pior determinável do que alguma outra sobre este lado bárbaro, o campo inteiro de morais será tomado dentro da visão. Enquanto os viajantes continuam a negligenciar os significados seguros da generalização, os quais estão ao alcance de todos, e constroem teorias sobre as manifestações das mentes individuais, existe pouca esperança de inspirar homens com aquele espírito da imparcialidade, deferência mútua, e amor, os quais são os melhores iluminadores dos olhos e retificadores do entendimento. ”
(MARTINEAU, 2021, p. 30)

Aqui fica bastante evidente que as generalizações compostas pelos viajantes, desqualificados para a função, carregam consigo o poder de promulgar noções distorcidas a respeito dos costumes observados, o que inclui também a generalização de comportamentos que podem pertencer a indivíduos isolados, e que não necessariamente deveriam representar uma nação ou um povo. Em uma palavra, podemos dizer que Martineau busca outorgar certas regras que providenciem um *supervisionamento* do observador em relação a suas descrições acerca de costumes.

E como fora bem observado por Hill, a perspectiva a ser superada é justamente o etnocentrismo, problema também enfrentado por Rousseau em suas críticas aos relatos de viagens. Neste viés percebemos que o ideário de Martineau e Rousseau parte de um mesmo lugar, uma vez que ambos precisam combater o erro cíclico daqueles que descrevem costumes sem possuir aptidão para tal. No artigo sobre o programa etnológico rousseauniano, Arco Junior traz um comentário que muito nos interessa citar:

“O erro apontado é o etnocentrismo, isto é, o observador acreditar na possibilidade de “julgar o gênero humano”, mesmo tendo tomado como ponto de partida uma má definição (contaminada ou parcial) de homem; diz respeito à cegueira e surdez do homem, particularmente do homem europeu, à sua incapacidade de se despir de seus costumes para ver e ouvir o outro e, deste modo, considerar o mundo para além das fronteiras nacionais que o encerram. ” (ARCO JUNIOR, 2019, p. 140)

Ora, nos parece evidente que o esclarecimento etnocêntrico que é criticado por Martineau – e que consta como uma das principais motivações para que a autora promulgue um método – seja bastante semelhante ao inimigo que é descrito por Rousseau: se o viajante vai descrever os povos sem distanciar o próprio olhar, seus relatos serão puro desserviço; a *visão de mundo* que é compartilhada por outros povos será deturpada, e só nos restará vê-los a partir dos olhos do preconceito, este véu limitador que só a verdadeira filosofia poderia combater. Martineau, por sua vez, é bastante perspicaz ao listar, entre as condições básicas para se observar as morais e costumes, a visão filosófica.

Regrar a observação, aprimorar a descrição

Nesta seção, falaremos um pouco sobre a estrutura da obra de Martineau *Como observar*, sublinhando alguns pontos que nos parecem essenciais. Primeiramente, para que pudéssemos galgar generalizações seguras, que realmente digam a respeito de um povo enquanto tal, Martineau propõe certas premissas, primordiais para a observação, divididas em três categorias: a) requisitos filosóficos, b) requisitos morais e c) requisitos mecânicos.

Os primeiros, *requisitos filosóficos*, dizem a respeito de um regramento que possa proceder corretamente quanto às limitações da liberdade de julgamento: o observador precisa partir de uma compreensão ativa, e a partir dela intermediar os fatos individuais, criando, assim, condições seguras para a composição de generalizações, estas, que não representem possíveis deformidades dos fenômenos observados, e que possam realmente constituir em elos seguros entre o geral e o específico. De acordo com Martineau, “um viajante pode fazer melhor sem olhos, ou sem ouvidos, do que sem tais princípios, como existem evidências para provar” (MARTINEAU, 2021, p. 38)¹². Um regramento filosófico

12 A autora carregava consigo uma deficiência auditiva, o que não a impediu de realizar as observações necessárias para o desenvolvimento de seu método. No entanto, isso não inibiu que críticos a atacassem de maneira preconceituosa. De acordo com Campos e Daflon, “na primeira edição de 1839, o *Quarterly* dedicou algumas páginas à resenha de *How to observe*. No entanto, o texto perde a chance de realizar uma crítica séria das ideias da autora para atacá-la de maneira irônica, maldosa e preconceituosa. O autor, anônimo, inicia seu texto ironizando a própria proposta do livro de ensinar ‘como observar’ ao dizer que o próximo volume seria sobre ‘como mamar’ (*how*

implicará, além disso, na capacidade de considerar a diferença sem implicações desnecessárias:

“O observador que parte com uma crença mais filosófica não apenas escapa da aflição de ver o pecado em qualquer lugar que ele vê a diferença, e evita o sofrimento de desprezo e alienação da sua espécie, mas, por estar preparado para o que ele testemunha, e consciente das causas, está livre da agitação de estar chocado e alarmado, preserva sua tranquilidade, sua esperança, sua simpatia; e está, então, muito melhor equipado para perceber, entender, relatar as morais e costumes das pessoas que ele visita. Sua mais filosófica crença, derivada de toda evidência e justa reflexão, é que cada sentimento de certo e errado do homem, ao invés de ter nascido com ele, cresce nele da influência para a qual ele é sujeitado.” (MARTINEAU, 2021, p. 44)

Ora, o recurso filosófico permite que o esclarecimento ainda reserve sua margem de dúvida, uma vez que não é função do observador esgotar as possibilidades de interpretação. Além disso, ele permite que tenhamos plena noção de que há uma característica convencional, de formação social, ou seja, o *caráter nacional* do povo que é objeto de estudo.

Aqui há um fator que nos mobiliza diretamente a Rousseau e sua constatação de que “os particulares podem ir e vir, mas parece que a filosofia não viaja” (ROUSSEAU, 2020, p. 269); segundo o autor, os relatos de viagens jamais puderam proporcionar conhecimentos seguros acerca dos povos observados, uma vez que jamais se solidarizaram com seu caráter nacional, analisando-os como se estivessem a falar de europeus mal instruídos ou “incompletos”, infelizes em suas concepções. Acerca deste caráter, Rousseau dá importância máxima: em seu *Projeto de constituição para a Córsega*, afirma que para conhecer um povo “a primeira regra que devemos seguir é o caráter nacional” (ROUSSEAU, 2022, p. 100). No entanto, os viajantes *viam o pecado onde havia diferença*, e

to suck) e ‘como falar’ (*how to talk*), dando a entender que a faculdade de observar, assim como a de sugar o leite materno ou falar, seria algo intrínseco do ser humano e não teria por que ser ensinado. O autor, ainda no primeiro parágrafo da resenha, ridiculariza a surdez da autora ao dizer que o volume de *how to talk* teria que ser escrito por um autor surdo e mudo para conseguir se comunicar com Martineau” (CAMPOS; DAFLON, 2022, p. 101). Esta crítica de baixo nível demonstra quão difícil se tratava a empreitada da autora, não só por se tratar de uma mulher no meio intelectual, mas por se dedicar a um assunto tão incomum para a época.

imprimiam relatos onde apenas pareciam lamentar quão distantes aqueles indivíduos estavam dos franceses, dos ingleses, dos espanhóis, etc. Martineau, inclusive, considera que as supostas certezas carregadas por viajantes despreparados constituem em verdadeiros riscos para a pesquisa empregada:

“Seja qual for sua filosofia de caráter individual, o observador reflexivo não pode viajar, com sua mente desperta, sem admitir que não pode existir nenhuma dúvida, exceto que o caráter nacional é formado, ou amplamente influenciado, pelas circunstâncias gigantescas, que, sendo o produto de nenhuma mente individual, são diretamente atribuíveis ao grande governo moral da raça humana.” (MARTINEAU, 2021, p. 56)

Em relação à segunda categoria instaurada por Martineau, os *requisitos morais*, estes dizem a respeito da intolerância que deve ser evitada pelo observador, uma vez que “todo preconceito, toda perversão moral, ofusca ou distorce o que quer que os olhos observam” (MARTINEAU, 2021, p. 61); trata-se, mais uma vez, de uma orientação que pode inspirar o viajante a despir-se de esclarecimentos viciados e parciais que possam deturpar descrições comportamentais de um povo observado.

“Nós não podemos, de repente, fazer-nos muito melhor do que nós temos sido, para um objeto como observar morais e costumes; mas, claramente averiguar o que é que mais comumente, ou o mais grosseiramente, vicia a observação estrangeira, nós podemos colocar em cheque nosso espírito de preconceito, e carregar conosco restauradores de temperamento e espírito, que podem ser de serviço essencial para nós em nossas tarefas.” (MARTINEAU, 2021, p. 61)

Estes “restauradores de temperamento” citados pela autora podem ser exemplificados pela *simpatia*, que é o que pode garantir certa proximidade entre o observador e o observado: “se um homem não tem simpatia, não existe ponto do universo [...] onde ele possa se encontrar com seu semelhante. Tal pessoa está, de fato, se debatendo no fundo do poço, com apenas as sombras de

homens sempre voando sobre ela" (MARTINEAU, 2021, p. 63). Nesta passagem parece haver um aceno à alegoria platônica, bastante conhecida, que imagina homens presos ao fundo de uma caverna, observando as sombras, sem se dar conta da realidade que lhes espera do lado de fora (PLATÃO, 2019, p. 323, §514a)¹³. Deste aceno, podemos sugerir que Martineau está a afirmar que o observador de costumes não pode se contentar em olhar para a sombra dos indivíduos, para a simples impressão do que seus costumes expressam; em suma, não pode simplesmente observar a partir de uma perspectiva que diz mais a respeito dos costumes daquele que observa. Ora, deve-se compreender a lógica *por trás* daquilo que observa – e a simpatia deve ser uma porta de acesso para que se configure uma proximidade mínima entre observador e observado.

Esta “quebra de tensão” que é sugerida pela simpatia se repete na terceira categoria que é pretendida pela autora, os *requisitos mecânicos* para se observar. Esta seção também trata da proximidade que o observador pode galgar com seus interlocutores: “alguma *familiaridade* deve ser alcançada antes que qualquer outra coisa possa ser feita” (MARTINEAU, 2021, p. 78, grifo nosso). A coleta de informações presume que o observador possa realizar conversações com o povo observado, e para esta atividade, deverá se deslocar de um local para outro; na sugestão dada por Martineau, deve-se evitar a todo custo qualquer amostra de imponência ou acanhamento, característica que, segundo a autora, os ingleses teriam de sobra (MARTINEAU, 2021, p. 74)¹⁴; o comportamento do observador irá, portanto, influenciar completamente a qualidade de seus relatos, pois modificará a informação coletada de cada indivíduo que conversar – e para tal, obviamente, é necessário uma “autoentrega para uma língua estrangeira” (MARTINEAU, 2021, p. 78), justamente para que haja entendimento entre observador e observado.

Para além dessas necessidades, a autora afirma que o viajante, quando estiver no território do povo a ser estudado, deve preferir

13 Rousseau, por sua vez, faz alusão às teorias platônicas ao citar a estátua de Glauco (2020, p. 160), que teria caído no fundo do mar e, quando resgatada, já ninguém mais a reconhecia.

14 Rousseau concordaria com a afirmação: “os ingleses também tem seus preconceitos nacionais; têm-nos até mais do que ninguém, mas tais preconceitos devem-se mais à ignorância do que à paixão. O inglês tem os preconceitos do orgulho, e o francês, os da vaidade” (ROUSSEAU, 2015, p. 668).

por seguir como um pedestre, evitando qualquer tipo de locomoção guiada por terceiros¹⁵; dessa forma, terá liberdade para seguir e parar quando quiser – no entanto, “uma jornada a pé pressupõe abundância de tempo” (MARTINEAU, 2021, p. 75) – e esta afirmação também sugere que o observador precisará dedicar muitos dias para desvendar os significados dos costumes que descreverá, uma vez que não está, de forma alguma, diante e objetos autoevidentes ou de fácil apreensão.

“Se fosse uma questão na qual se pudesse aprender a maioria de morais e costumes por viagem (o cavalheiro instruído em filosofia e aprendizagem, prosseguindo em sua carruagem, com um mensageiro) ou um simples turista pedestre, equipado apenas com a linguagem, e de que o pedestre retornaria mais familiarizado com seu assunto do que o outro. Se o rico escolarizado e o filósofo pudessem fazer a si mesmos um cidadão do mundo pelo tempo, e irem adiante a pé, descuidados do luxo, pacientes da fadiga, e sem medo da solidão, eles não seriam somente parte da elite dos turistas, mas um benfeitor do mais elevado tipo de ciência; e ele se tornaria familiarizado com o que poucos são acostumados – os melhores prazeres, transitórios e permanentes, de viajar. Aqueles que não podem perseguir esse método conseguirão mais ao deixar o status de lado, conversar com o povo com o qual se deparam, e divergir da estrada principal tanto quanto possível.” (MARTINEAU, 2021, p. 78)

Com esta série de sugestões acerca do deslocamento do pesquisador, a autora consolida os requisitos básicos para a observação. Aqui, podemos conjecturar que só com esta primeira parte já teríamos um método suficiente (e provavelmente eficiente) para que qualquer viajante que fosse descrever costumes pudesse se guiar, para então aprimorar suas práticas de observação, algo bastante único para a época. Entretanto, *Como observar* ainda carrega a segunda parte, *O que observar*, e a terceira parte, *Métodos mecânicos*¹⁶.

15 É bastante curioso perceber que alguns pequenos detalhes pareçam conectar a autora com Rousseau; o genebrino era um grande adepto das caminhadas, tendo dedicado sua última obra, *Devaneios de um caminhante solitário*, ao poder de reflexão que esta prática pode propiciar.

16 Esta terceira parte se dedica a comentar o uso das ferramentas utilizadas pelo observador: um diário, um caderno, as perguntas que ele deve carregar consigo, os desenhos ou descrições da paisagem; dedica-se também a sugerir em que momentos o observador deve tomar nota ou resguardar o que é observado em sua memória (outra ferramenta muito importante do observador).

Chamamos atenção para esta segunda parte que, bastante abrangente, é subdividida em seções relativas à *religião*, *noções morais gerais*, *estado doméstico*, *ideia de liberdade* e de *progresso*. Aqui podemos conferir que a abordagem de Martineau ganha um viés realmente mais sociológico, se afastando um pouco da propensão à antropologia: “a voz de um povo inteiro se eleva no trabalho silencioso de uma instituição” (MARTINEAU, 2021, p. 87); isto é, a autora faz provocações para que os relatos individuais realmente possam não só passar por um processo de generalização, mas que sejam identificadas noções gerais que englobem tudo que há de individual. Somente assim poderíamos sugerir o entendimento acerca de um povo, de uma nação, que até então desconhecíamos.

“Os registros de qualquer sociedade, sejam eles quais forem, se destroços arquitetônicos, epitáfios, registros cívicos, músicas nacionais, ou quaisquer outras das milhares de manifestações da mente comum, que podem ser encontrados entre todos os povos, proporcionam mais informações sobre morais em um dia do que uma conversa com indivíduos em um ano. [...] Indicações gerais devem ser procuradas, ao invés de generalizações sendo enquadradas dos costumes de indivíduos.” (MARTINEAU, 2021, p. 87)

Consideramos que nesta passagem encontramos uma espécie de objeto fulcral da teoria martineauiana, onde ela explicita seu rigor sociológico. Em primeiro lugar estão as noções gerais, e são justamente elas que explicitam os costumes observados, e o assim entendido caráter nacional.

Martineau parece antecipar, inclusive, o conceito de *fato social*, introduzido por Durkheim (1973, p. 389) no fim do século que ambos dividiram, termo muito importante para o primado sociológico. A autora utiliza uma série de outros termos que evocam significados semelhantes, como aqui é explicitado por Alcântara:

“Martineau não falava nem em *fatos sociais*, nem em *fenômenos sociais*. Os termos de maior destaque em *Como observar* são *classes de fatos*, *fatos gerais*, *morais e costumes*, tendo citado, ainda, os *sistemas sociais*. Martineau alegava que costumes e morais não foram

apartados em seu texto porque “são inseparáveis” ou “deixam de ter significado quando separados”, já que os costumes seriam manifestações das morais. Ao mesmo tempo, afirmava que relatar costumes é uma ação de um não filósofo e não observador. Desse modo, para quem estuda “os princípios morais, “os costumes são um índice”.” (ALCÂNTARA, 2022, p. 180)

Martineau também fala de *fatos nacionais* (MARTINEAU, 2021, p. 227), e mesmo que ela não especifique detalhadamente o conceito, está justamente se referindo à exterioridade e à abrangência de fatores que perpassam os indivíduos, mas que dizem a respeito de um povo como um todo, ou seja, aquilo que exprime o caráter nacional – termo este, por sua vez, muito caro para os escritos políticos de Rousseau, e característica essencial para a prática descritiva dos costumes.

Muitos aspectos sugerem que Harriet Martineau realizou um trabalho importante no campo das ciências sociais. Em alguma altura, poderíamos insinuar que ela teria atendido diretamente às provocações inferidas por Rousseau em suas críticas aos relatos de viagens, quando este instiga pensadores a realizarem viagens para observar os costumes. Ora, mesmo que a socióloga tenha sido minimamente influenciada pelo filósofo, sua empreitada sociológica tem mérito próprio, e vai muito além de qualquer provocação. Ora, os objetivos do presente texto trafegam justamente entre a proximidade de Martineau e Rousseau em suas críticas à prática descritiva dos costumes, e a unidade que cada um deles possui.

Considerações finais

Tratamos, nas páginas acima, de relacionar alguns pontos do pensamento de Jean-Jacques Rousseau e Harriet Martineau no que se refere aos relatos de viagens, seus problemas de análise e de conteúdo em relação aos costumes, e que caminhos eles deveriam tomar. Como foi possível identificar, Rousseau se demonstra um crítico voraz dos relatos de viagens, afirmando uma insuficiência de informações e a falta de critério dos viajantes em

sua composição; entre suas críticas, está a sugestão para que pensadores sérios pudessem tomar a posse de tais narrativas, para que elas pudessem garantir a legitimidade que mereceriam. Martineau, por sua vez, dá um passo além: não só se dispõe a uma análise crítica da prática de observação e descrição, como também vai a campo, se dedica a analisar as morais e costumes da sociedade estadunidense e, por fim, propõe um método de estudo.

Martineau parece ter seguido a provocação de Rousseau, que via como necessária a participação de filósofos e pensadores na execução desta prática, bastante problemática desde o início do processo de colonização das Américas e da expansão dos territórios europeus – o qual, devemos observar, pouquíssimos pensadores ousaram problematizar, ao menos até o final do Século XVIII. A verdade é que Martineau se desenvolve como a pensadora que o próprio Rousseau provavelmente gostaria de ter lido, e dispõe em seu método os recursos mais importantes para a filosofia: a pergunta, a curiosidade, e a simpatia pelo objeto investigado. Com isso, a autora prova-se não apenas uma pioneira da sociologia, detentora de um arrojado método para as ciências sociais, como também uma autora que desenvolveu textos muito preciosos para a filosofia.

Ao concluirmos nossa breve pesquisa, ainda longe de esgotar o assunto abordado, acreditamos que as aproximações sugeridas a partir do recorte bibliográfico da obra de Rousseau e de Martineau trazem contribuições efetivas para a pesquisa acadêmica, e também podem inspirar investigações futuras. A problematização dos relatos de viagens e a instauração de um método para a observação e a descrição dos costumes humanos repousam, sem dúvida, entre as mais profundas raízes das ciências sociais – sobretudo porque tais empreitadas também nos ajudam a ressignificar o olhar a respeito do outro, e a problemática perspectiva desenvolvida pelo ocidente desde o advento da modernidade, carregada por intolerância, preconceito e violência.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, F.H.C. *O nascimento da observação social sistemática com Harriet Martineau*. Teoria e Cultura, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 176-190, mai. 2022.

ARCO JUNIOR, M. D. B. *O olhar distanciado: o programa etnológico de Rousseau*. Revista Discurso, No. 49 (2), 2019, p. 137-153.

BUFFON. *História natural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

CAMPOS, L.R.; DAFLON, V.T. *Harriet Martineau: circulação e influência no debate público na primeira metade do século XIX*. Sociologias, Porto Alegre, ano 24, n. 61, p. 86-115, set-dez 2022.

DAFLON, V.T; CAMPOS, L.R. (org.). *Pioneiras da sociologia: mulheres intelectuais nos Séculos XVIII e XIX*. Niterói: Eduff, 2022.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. In: *Coleção Os Pensadores – XXXIII – Comte e Durkheim*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HILL, M.R. Harriet Martineau (1802-1876). In: *Women in sociology: a bio-bibliographical sourcebook*. New York: Greenwood Press, 1991.

HUE, S. SÁ, V. K. L. *Ingleses no Brasil: relatos de viagem*. São Paulo: Chão Editora, 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem*. In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

MARTINEAU, H. *Como observar: morais e costumes*. Governador Valadares: Fernanda Henrique Cupertino Alcântara, 2021.

_____. *Sociedade na América: volume 1 – política*. Governador Valadares: Fernanda Henrique Cupertino Alcântara, 2022.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MONTAIGNE, M. Ensaio – volume 1. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Edipro, 2019.

PLÍNIO O VELHO. *História natural: livro VII – o homem*. Curitiba: Antonionfontoura, 2019.

ROUSSEAU, J.J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: *Rousseau – Escritos sobre a política e as artes*. São Paulo: UBU Editora/Editora UNB, 2020.

_____. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014

_____. Projeto de constituição para a Córsega. In: *Textos de intervenção política*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

_____. *Confissões*. Bauru: Edipro, 2008.